

Projeto: Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata.

Ana Paula de Almeida Ramos de oliveira¹

Edson Arantes Junior²

¹ Bolsista UEG modalidade PIBIC/CNPq, graduanda no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás Campus de Uruaçu. paulacauarick@hotmail.com.

² Orientador, Doutor em História. Professor dos cursos de História, atual diretor da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu.

Resumo: Propomos analisar o diálogo *A travessia para o Hades ou Tirano* de Luciano de Samósata. Nosso interesse permeia a representação luciânica de um tirano fictício, Megapentes. O mundo dos mortos é o espaço ideal para a crítica do poder. O tirano luciânico apresenta traços de poder pessoal exagerado. O espaço e personagem fictício permite criticar o exercício do poder do imperador romano.

Palavras-chave: Prática e representação tirânica - Crítica Luciânica – Paradoxo do Poder Imperial.

Introdução

O presente texto tem o objetivo de analisar as representações das múltiplas formas de exercício do poder tirânico, observando as possíveis resistências a esse poder. Nesse sentido buscamos compreender a representação presente no diálogo satírico luciânico do tirano fictício Megapentes. O escritor apresenta aspectos da cultura política grega, em uma alusão aos governantes que regiam seu poder em prol da felicidade própria. Portanto, sua imagem coaduna com o perfil e as características dos maus imperadores.

Neste intuito, relacionamos elementos sociais para um pensar observador e crítico, que configura basicamente o comportamento social, suas normas e valores que se refletem nos princípios básicos que valoram a visão de mundo de alguns grupos sociais.

Portanto, analisaremos o diálogo *A travessia para o Hades ou tirano* de Luciano de Samósata, tendo em vista os valores que permeiam a imagem de tirania, afim de relaciona-las a teologia política que sustentava o poder Imperial greco-romano. Neste contexto, a partir da investigação das estratégias retóricas presentes no texto de Luciano de Samósata, que se referem a imagem da glória e da queda da

figura tirânica, expondo elementos históricos, políticos e mitológicos gregos. Com intuito de provocar discussões sobre a indignação ao poder Imperial Romano por Luciano de Samósata.

Material e Métodos

Para a construção do presente texto fizemos a análise documental do diálogo satírico *A travessia de Hades ou Tirano*, de Luciano de Samósata. Trata-se do nosso documento principal, que narra a chegada do tirano Megapentes, ao mundo dos mortos. Esse espaço permite brincar com a realidade e criticar aspectos importantes da vida cultural.

Como bibliografia secundária utilizaremos os debates atuais sobre a identidade grega no Império Romano, a partir da leitura do texto *Império Romano e Identidade Grega*, de Norberto Luiz Guarinello (2009). A importante análise da teoria literária luciânica, a partir do livro *A poética do Hipocentauro*, de Jacyntho Lins Brandão (2001). Também, utilizaremos o importante texto de Mikhail Bakhtin sobre a sátira Menipeia (2010). Os textos *Luciano e a tradição do cômico-sério de Bakhtin à teoria da pós-Antiguidade* (2010) e *Usos políticos das narrativas míticas em Luciano de Samósata: Aspectos do regime de memória do romano (séc. II D.C)* (2014), do professor Edson Arantes Junior que representa uma análise da pluralidade temática utilizadas por Luciano de Samósata muito importantes para continuar a pesquisa.

O método de pesquisa do projeto parte da análise contextualizada da representação do tirano luciânico, observando seus contextos dialógicos. Buscamos entender como o tirano aparece no diálogo *A travessia para o Hades ou o tirano*, com as características histórica e estilísticas do texto sobre a tirania.

Resultados e Discussão

Luciano, nasceu entre os anos 115-120, na cidade de Samosáta antiga capital de Camogema, um reino helenizado. Sua educação foi de acordo com a Paideia grega, nisto assume a identidade grega. Norberto Luiz Guarinello, em seu texto *Império Romano e Identidade Grega*, enfatiza bem o caráter dos distintos privilégios de quem assumia a identidade grega.

[...] à identidade grega tornou-se um instrumento de promoção social das elites e, de modo geral, das cidades do

Oriente romano em suas disputas por posições de prestígio no seio do Império (Guarinello. 2009. 154).

Entretanto, o sírio, sempre repensou o lugar da cultura grega que lhe proporcionou ter uma reação crítica sobre a diversidade cultural. Luciano teve diversas maneira de ganhar a vida como: sofista, orador, advogado, escritor dentre outras modalidades. Seus livros contêm muitos elementos de sátira social, que trazem um pensamento crítico e discursivo, que ilustra sua realidade cotidiana. Em seus textos criticam a cultura da elite imperial greco-romana. O diálogo satírico, apresenta em sua composição gêneros literários que produzem risos. Com sentido de enquadrar ficção a história, ou seja, mistura de história com ficção, seus argumentos são temáticos e baseado na fantasia e nas experiências, que utiliza críticas as banalidades sociais. Isso é afirmado no texto *A poética do Hipocentauro*, de Jacyntho Lins Brandão que confirma a definição, ao falar sobre a escrita da história.

[...]o riso, neste caso, tem função propedêutica, na medida em que desarma o leitor pelo ridículo a que expõe os maus historiadores. Ainda que possa parecer apenas se arrolam exemplos, pequenos detalhes, considerações de passagem ou cortes voltam toda a expedição para o plano satírico (BRANDÃO. 2001. p.38).

Os discursos luciânicos apresentam claras críticas políticas. Ele formula seus argumentos em meio a indagações sobre a vida, o poder e a morte. Luciano basicamente segue uma linhagem de escritores que produziam sátiras menipeias.

A sátira Ménipeia se caracteriza por uma ênfase exagerada aos comportamentos sociais desviantes, nesse gênero literário as normas e valores são questionados. Nesse sentido acreditamos que Luciano denuncia o cotidiano político do império romano por ele vivido. Seus personagens não remetem diretamente um indivíduo específico, porém ele constrói personagens exagerados que ressaltam determinadas facetas presentes no poder, o que faz o leitor/ouvinte questionar a realidade que o cerca. Por meio do riso que desarma o detentor do poder. No livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, o autor Mikhail Bakhtin, exemplifica bem esse gênero literário, como uma cosmovisão carnavalesca.

[...] A cosmovisão carnavalesca, que penetra totalmente esses gêneros, determina-lhes as particularidades fundamentais e coloca-lhes a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade (Bakhtin. 2010. 122).

Edson Arantes Junior em seu texto *Luciano e a tradição do cômico-sério de Bakhtin à teoria da pós-Antiguidade*, também ressalta o exemplo de gênero literário da sátira minepéia. Nisto, afirma que Luciano de Samósata cria uma espécie de gênero híbrido, onde mistura os diálogos socráticos e a comédia com a intenção de manipular elementos filosóficos e comédias satirizadas formando então, uma nova linguagem que é designada a configurar as observações de seu cotidiano em texto que contém representações retóricas e elementos históricos, sociais, míticos e fictícios.

“O sírio apresenta uma liberdade imensa na invenção temática e filosófica dos seus textos, esse mesmo exemplo mostra a liberdade do criador literário que inventou situações extraordinárias (ocorridas em lugares incomuns, tais como Hades, países imaginários, o Olimpo). Uma estratégia para provocar e experimentar a verdade [...]”. (Arantes Junior. 2010. 137)

A sátira neste é uma forma de expressar a indignação sobre inusitadas organizações sociais. Incorporando uma análise sobre a perspectiva que relaciona elementos sociais para um pensar o observador e o crítico de um momento vivido, ou seja, atuam com proximidade do cotidiano vivido. Instiga a discursão e expressa a revolta, ou seja, um desabafo em humor.

O sírio critica os mais governantes em seu texto, o que reflete aos maus magistrados de seu tempo. Os diálogos luciânicos movimentam em seu enredo a História, a Memória cultural, a cultura política e a mitologia, utilizando argumentos que envolvem denúncias as arbitrariedades dos maus governantes, o que permite caracterizar o mau uso do poder. Em geral seus textos não tratam diretamente de um indivíduo específico, ou seja, sua proposta textual é relatar o desconforto social que sente sobre seus governantes, sem usar referências do governo atual de seu período. E por isso, usa-estratégias discursivas que permitem a comparação do apresentado com o momento político vivido. A análise política exposta em seus

textos, camufla, com o uso do riso, seu pensamento crítico sobre os governantes de seu período.

O diálogo maior *A travessia de Hades ou Tirano* apresenta uma forma de poder característica das cidades gregas: a tirania. Luciano elucida bem o significado e as características de um Tirano, que desvirtua o poder em benefício próprio.

O tema do diálogo *A travessia para o Hades* é o julgamento dos mortos. Em uma cena que envolvem personagens míticos como Radamanto¹, Cloto², Caronte³, Hermes⁴ e os fictícios Ciníscio⁵, Micilo⁶ e o tirano Megapentes⁷. Seu enredo envolve representações do perfil da tirania grega para caracterizar o paradoxo do poder Imperial. Em observações, Luciano usa intencionalmente como veículo a retórica e memória para criticar e confrontar a estrutura e os costumes produzidos e reproduzidos por governantes do século II.

A representação da memória neste contexto e reconstituir a experiência vividas. Que dentro do personagem Megapentes o tirano, ainda ressurgir por meio das lembranças a vida terrena. E neste encaixe, é que entra as mensagens de críticas ao poder Imperial Romano. Assim, nesse contraste a memória representa à realidade. Sendo um jogo de espelhos que envolvem interpretações, testemunho, sentimento e hábitos baseados em tradições que foram adotadas pela imagem tirânica de poderes.

Já representação retórica, significa acrescentar aos fatos como em memória a possibilidade de narrar às histórias de forma espelhada, para revelar ao leitor uma metáfora temporal. Nisto, o tempo, a opinião e os detalhes constituem as regras da oratória. No caso de Luciano é um processo que permite compreender na dialética a argumentação política, na qual ele qualifica o mau governante. Observamos então, que a *práxis* utilizada por Luciano envolvia descrever agruras dos governos tirânicos

¹ Radamanto juiz dos mortos na mitologia grega. Personagem mítico.

² Cloto uma das três moiras ou parcas da mitologia grega que atuavam em determinar o destino dos homens e deuses. Incumbiam a função de tecer e cortar o fio da vida dos indivíduos. Personagem mítico.

³ Caronte o barqueiro do Hades, que transportava sobre rio Aqueronte as almas recém-chegada ao mundo dos mortos.

⁴ Hermes um Deus psicopompo (condutor das almas), mensageiro de Zeus, deus do comércio e negócios. Personagem mítico.

⁵ Ciníscio um filósofo cínico. Personagem fictício.

⁶ Micilo um sapateiro. Personagem fictício.

⁷ Megapentes o tirano. Personagem fictício.

ressalta elementos que são constantes na política de seu tempo, numa ênfase asnos exageros cometidos pelos tiranos.

Os principais personagens aparecem em uma estrutura hierárquica bem definida. E isso nos permite observar os valores e as imagens que nos remetem aproximar e distanciar a representação da tirania grega com imperadores romanos. Neste, sentido vinculando as características históricas e estilísticas do texto, que expressa os elementos retóricos usados por Luciano para confeccionar o diálogo. Assim, o objetivo de analisar o texto, é relacionar os aspectos culturais da política romana com elementos presentes no texto.

O diálogo *A travessia para Hades* inicia com Caronte e Cloto reclamando da demora de Hermes em trazer as almas dos mortos para o Hades. Quando esse chega, está muito cansado. Explica o motivo do atraso, houve uma tentativa de fuga de um tirano morto, que não queria aceitar o fim de sua vida. Após o atraso Cloto faz a contagem dos mortos para a travessia do rio Aqueronte⁸, mas nesse momento o tirano Megapentes, tenta de todas as formas convencer a Moira Cloto, o retorna à vida.

“MEGAPENTES — Ó Cloto, escuta aqui uma coisa que quero dizer-te em particular..... se me deixares fugir, prometo entregar-te ainda hoje mil talentos em ouro cunhado. [...]. E ainda acrescentarei, se quiseres, aquelas duas crateras de que me apoderei depois de ter morto Cleócrito, cada uma das quais levanta cem talentos de ouro fino”. (Luciano.cat.9)

Observamos que o tirano tenta de várias maneiras persuadir Cloto, fazendo suplicas para o retorno à vida, para que possa terminar seus monumentos, ou que possa construir um marco em sua memória, para dar instruções a sua esposa, vingar-se de seus inimigos. O egoísmo dele vai tão longe que chega a oferecer a troca dele pelo o filho, que tanto o estimava e seria seu sucessor. Cloto ao ouvir tanta barbárie fica espantada, mas afirma que o mesmo irá ser assassinato, pelas mãos do novo rei. Megapentes pergunta a Moira, como será depois de sua morte? Ela responde dizendo, que o mesmo que aconteceu com seu inimigo Cidímaco, quando ele se apoderou das posses dele.

⁸ Rio Aqueronte, rio mitológico localizado no mundo dos mortos. Traduzido rio do infortúnio.

Ao continuar a Moira afirma que, o atual rei matará seus filhos, tomará sua filha como combina, que seus bustos e estatuas serão derrubadas, e que isso servira de risos para os espectadores, teu escravo casará com tua esposa. Megapentes diz: mas não terá um amigo que ficara indignado com tudo isso, Cloto ressalta e diz: amigo? E afirma que nunca houve amigos, que todos que estava ao seu redor, não estava por amizade ou respeito, mais sim por medo. E a causa de sua morte foi a traição, por um desses, que lhe ofereceu um banquete.

Nessa narrativa Luciano, explora personagens míticos e fictícios. E esse enredo é bem diverso e cômico, pois retrata uma realidade de uma forma divertida, mais sem deixar de ser crítica ao poder Imperial romano, que também utilizavam a persuasão para obtenção de seus critérios.

Luciano destaca a imagem de letrados ou filósofos desse período, que eram perseguidos ou ignorados pelos governos tirânicos ou imperialista. Pois o pensador crítico livre estava sob vigilância constante e poderia perder sua vida caso desagradasse alguém que detivesse poder. Nisto, colocamos a necessidade das alternativas utilizada por Luciano, que a retórica e memória da política e mitologia grega, tendo o intuito de um alto proteção da própria integridade física.

Nisto, a continuidade do texto, entre em cena Cinisco o filósofo cínico e Micilo o sapateiro. Que são dois cidadãos pobres, mas que teve uma vida longa, cheia de miséria, mas que nunca tiveram grandes ambições na vida, no caso de Cinisco, explica que em um momento da vida houve uma maldade, mas que depois de seguir a filosofia se tornou uma pessoa melhor, no entanto foram grandes colaboradores dentro da sociedade e que sempre levaram a vida de forma simples, e que depois de suas mortes não houve em momento algum um apelo ao retorno a vida, pois em suas discussões a morte teria sido uma graça alcançada. Em seus julgamentos foram absorvidos bem rápidos, pois em suas almas não havia estigmas (eram cicatrizes de crimes cometidos em suas vidas). Mas, no entanto, sempre viram de longe as crueldades do tirano, que sempre os indignavam, como citado anteriormente sobre os letrados e filósofos que muitos se calavam para conserva a vida. Neste repúdio ao tirano, Cinisco o filósofo, pede para que seja o acusador de Megapentes.

Contudo Cínisco, faz suas acusações contra o tirano, diz que o próprio não precisaria, pois, seus estigmas falariam por si só seus crimes, mas que gostaria de acrescentar em seu julgamento toda arrogância que Megapentes possuía, todos os assassinados injustos contra os cidadãos, os estupros às virgens e adolescentes, por assassinar maridos de mulheres formosa, outros porque era rico, ou virtuoso e aqueles que não estavam satisfeitos com seus atos covardes, enfim todos os crimes.

Na continuação do julgamento, Cinisco pede a Hermes que traga as testemunhas, que irá confirma todos os crimes de agressões sexuais contra ele, essas testemunhas são objetos de seu quarto uma candeia e uma cama, que confirma todas as alegações contra o tirano. Ao final, Megapentes ganha sua sentença que foi sofrer o castigo de sempre se recordar de quem era.

CINISCO — Porque sofrerá um castigo bem penoso, sempre recordado de quem era, de quanto poder tinha lá em cima e passando em revista todo esse fausto. (Luciano.cat 28-.29)

Essa relação da retórica exposta por Luciano, sobre os elementos históricos, políticos culturais e mitológicos gregos, e construir aproximação dos aspectos políticos e culturais romanos. Como por exemplo a derrubada de busto e estatuas que era feito, pelos romanos tendo, o sentido de apagar à memória de um mau governante e de ridicularizar sua imagem, as amizades bajuladoras feitas por interesses de obtenção de algum cargo ou algo do tipo, as vestes de púrpura que era privilégio dos imperadores e de alguns cargos, como senadores que tinha o direito de usar duas faixas na toga, e os cavaleiros uma faixa. Os assassinatos para obtenção do poder, ou seja, conspirações de ordem senatorial ou familiar, para uma conjuração ser bem-sucedida, como por exemplo Tibério, Cláudio, Nero e Calígula, que pela impaciência de seus sucessores foram assassinados.

Nisto, a representação do tirano Megapentes, se torna um exemplo das múltiplas formas de poder, que tem por si só a mesma doutrina, que é a de domínio absoluto. Então objetivo do diálogo em *A travessia de Hades ou tirano*, e a compreensão da imagem de um tirano ou rei. Que achava estar em uma condição privilegiada, porque obtinha riquezas e poder, e por isso lhe dava o direito de um regime cheio de extravagâncias e crueldades. Esquecendo que no meio de tanta

glória existia alojada inimizadas, traições familiar e de amigos, assassinatos e conspirações contra ele, que foram construídas ao logo de seu governo, cheio de crueldade e usurpação moral e econômica da sociedade.

A representação feita por Luciano é basicamente uma mutação de cenário. Onde o tirano Megapentes representa um mau governante, que poderia ser um imperador. Objetivamente seu intuito, não era atacar o governo romano diretamente, por isso usava suas sátiras para seus desabaços. Dentro disto, definia bem suas articulações dos apanhados sociais, onde suas descrições instaladas em seus textos refletem bem as pluralidades da sociedade hierárquica de seu período no século II, que foi um período que se inicia as críticas sobre os vícios do Império Romano.

Portanto, a totalidade de suas críticas e confrontar a estrutura e costumes produzidos pelos representantes de governos hierárquicos. Que neste contexto, demarca sempre o paradoxo do Império Romano. Tendo, um significado de renúncia e repúdio a essa morfologia social.

Considerações Finais

Em contexto conclusivo, notamos que a pesquisa denota a postura das construções de textos luciânicos altamente críticos aos cacoetes espelhados na atuação da soberania imperial romana. Onde, o embasamento e uma mutação de cenário que apresenta o reflexo de imperadores viciados ao poder.

Portanto, o percurso atribuído resulta nas definições da boa articulação dos apanhados sociais utilizados por Luciano de Samósata, onde suas descrições textuais instalam e reflete a grande pluralidade social de seu período no século II, que é complementado com um pensar observador e crítico do seu ponto de vista. Assim, contexto geral ressalta o paradoxo do poder imperial sobre relevância da visão crítica de Luciano.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos, vão primeiramente ao meu orientador professor Dr. Edson Arantes Junior, por ter me dado a oportunidade e o privilégio de participar da pesquisa com um tema que tenho muito interesse. Agradeço por sua paciência e dedicação ao me orientar, que me possibilitou a realização da conclusão do trabalho. E tenho a plena convicção que contribuiu muito

para minha formação acadêmica. Agradeço a instituição UEG por disponibilizar excelentes profissionais e de extrema qualificação e disponibilização para ensinar. Agradeço a comissão organizadora de Iniciação Científica. E a todo o corpo docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu por incentivar o corpo acadêmico a participar de projetos como a iniciação científica.

Referências

ARANTES JUNIOR, Edson. *Usos políticos da narrativa em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc.II D.C)*. Goiânia: UFG, 2014 (tese de doutorado).

ARANTES JUNIOR, Edson. *Luciano e a tradição do cômico-sério: de Bakhtin à teoria da pós-Antiguidade*. 2010. p. 133-143.

BRANDÃO, Jacynto José Lins. *A poética do Hipocentauro: Literatura, Sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BAKHTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problema da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Império Romano e Identidade grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A. & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *Política e identidade no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, 2009.p.154

LUCIANO DE SAMÓSATA. Obras IV. Tradução do grego, Introdução e Notas Custódio Mangueijo. 2013

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Diálogo dos Mortos: versão bilíngue grego/português/ Luciano; tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco*. São Paulo: Palas Athena: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

VEYNE, Paul. *Império Greco-Romano*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

